

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

LUIZA PIGULA SILVA MATTAR

OS CONTOS DE FADA COMO
INSTRUMENTOS TERAPÊUTICOS
NA CLÍNICA JUNGUIANA INFANTIL

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

LUIZA PIGULA SILVA MATTAR

OS CONTOS DE FADA COMO
INSTRUMENTOS TERAPÊUTICOS NA
CLÍNICA JUNGUIANA INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial
para a graduação no curso de
Psicologia, sob orientação da
Profª Msª Marisa Vicente Catta-
Preta.

SÃO PAULO

2021

RESUMO

A presente pesquisa traz como tema a importância dos contos de fada e sua funcionalidade como uma possível ferramenta lúdica na prática da clínica infantil junguiana. Buscando relacionar o que ocorre na psique, durante o desenvolvimento infantil, com a prática clínica na psicologia analítica, compreende-se que se trata de um instrumento pertinente no trabalho com crianças. O objetivo dessa pesquisa é identificar como os contos de fada podem ser utilizados como instrumentos terapêuticos na clínica infantil junguiana. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica com estudos de Jung, pós junguianos e pesquisadores da abordagem da psicologia analítica, psicanálise e de outros autores que se dedicaram a estudar contos de fada. O resultado foi a percepção da necessidade de mais estudos escritos sobre o tema e relatos de casos clínicos pela psicologia analítica.

Palavras-chave: contos de fada; psicologia analítica; ludoterapia

SUMÁRIO

1	Introdução.....	4
2	Método.....	10
3	O que são os contos de fada?	11
4	O conceito de símbolos na psicologia analítica	14
5	Desenvolvimento infantil na psicologia analítica	19
6	Contos de fada na clínica infantil junguiana.....	22
7	Considerações finais.....	27
8	Referências bibliográficas	29

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema para esse estudo se deu pela minha experiência, através da percepção dos impactos que me causaram os contos e aos outros ao meu redor. Pretendo trabalhar com crianças na clínica e gostaria de saber como utilizar os contos como instrumento terapêutico. Na abordagem analítica, o estudo de contos é muito recorrente, como foi feito pela importante autora Marie Louise Von Franz.

É relevante o estudo de todo material simbólico que seja possível trabalhar com a criança, como desenhos e outras técnicas expressivas, visto que a criança usa do lúdico para representar suas emoções. A clínica infantil utiliza-se da ludicidade para acessar as emoções da criança e conteúdos inconscientes.

Na leitura do trabalho da dra. Marie-Louise Von Franz, referência na pesquisa de contos de fadas, a autora relata que o conto possui materiais mais universais e arquetípicos do que os mitos, pois tem uma estrutura mais elementar. O tema mobiliza, por ser o material cultural dos contos bem menos específico, mostrando mais claramente as estruturas psíquicas do inconsciente. O conto, como objeto de estudo, torna-se cativante compreender a sua característica típica de conseguir migrar facilmente de uma localidade para outra, mantendo apenas o que é importante, que se trata geralmente de um material arquetípico, acrescentando crenças locais, provenientes da vivência de quem conta e de quem escuta. (VON FRANZ,1985)

Os contos de fada podem ser um instrumento lúdico muito útil, pois através deles as pessoas têm a chance de entrar em contato com o mundo simbólico. O símbolo é uma das maneiras de entrar em contato com o inconsciente. Através deles, as pessoas conseguem encontrar formas para lidar com os seus próprios conflitos e angústias da vida real. Isso pode ajudar a exercitar a imaginação, a criatividade, a autoestima, o autoconhecimento, entre outros benefícios. (COELHO,2012)

Coelho (2012, p.6) considera em seu relato:

Como orientar hoje os novos construtores do mundo do amanhã? Um dos recursos é redescobrir a literatura arcaica as palavras de origem (como os contos de fada), e por meio de refazer o caminho do ontem e estimular ao

mesmo tempo, o poder mágico que existe no próprio ser humano: o conhecimento. [...] Os tempos mudam incessantemente, porém a natureza humana é a mesma.

O início desse trabalho tece particularmente algumas considerações sobre os contos de fada. Entende-se que eles existem há muito tempo, apresentam indícios de temas primordiais, que ainda são atuais. Além disso, apresentam uma narrativa de histórias, datadas de 25.000 anos a.C. Muitas são as hipóteses sobre a origem dos contos, como terem sido criados por lembranças que restaram de crenças antigas, materiais remanescentes de ritos, ou também a partir de mitos degenerados e de sonhos. Para Von Franz, os contos de fada, surgiram através de sagas locais, que são histórias sobre uma pessoa comum, tendo uma experiência sobrenatural, ou experiências paranormais. (VON FRANZ, 1990)

Através da História da Literatura, é possível obter o registro de uma publicação feita em 1697, na França, durante o reinado de Luís XIV, sendo a primeira coletânea de contos infantis. Quem reuniu 8 contos, para o livro “Contos da Mãe Gansa”, através de relatos das memórias do povo, foi Charles Perrault. Ele era um poeta e advogado de prestígio da corte. Entre esses contos, estão alguns muito famosos como “A Bela Adormecida no Bosque” e “Chapeuzinho Vermelho”. (COELHO, 2012)

Após tratar o histórico dos contos de fada e a importância deles, estarei considerando os conceitos da psicologia analítica e a dinâmica dos símbolos para um maior entendimento do importante papel dos contos de fada como instrumento terapêutico.

Histórias com esses temas principais, podem ser encontradas em todo o mundo. Contos de fadas têm muito em comum, são considerados a linguagem da humanidade, mas podem ter algumas características diferentes, que são particulares de cada região. Mesmo assim, a autora coloca que, ao estudarmos os contos, entramos em contato com a “anatomia do homem”. Por serem universais, qualquer pessoa pode se identificar com os contos. (VON FRANZ, 1985, p.21)

Considerando que para Jung a psique tem uma dimensão que é consciente e outra inconsciente, é importante definir tais conceitos para a compreensão

especialmente, dos arquétipos presentes nos contos de fadas. Dessa forma, dedico um capítulo desse estudo para tratar da dinâmica da psique proposta por Jung.

O arquétipo do herói é um padrão humano básico e Jung (1909-1912, apud Stein, 1988) atribui ao herói dos mitos o papel de criador da consciência. Durante a trajetória do herói, o personagem terá que fazer um sacrifício, assim como a criança terá que deixar de lado o mundo da fantasia para assumir as responsabilidades da vida adulta e sua realidade. “O arquétipo do herói exige o abandono desse pensamento fantasioso infantil e insiste em que se aceite a realidade de um modo ativo.” (STEIN, 1998, p.85)

Von Franz afirma que os contos, assim como os sonhos, mesmo sendo as formas mais claras de acessar o seu próprio interior, sem a interpretação própria ou sem a ajuda do terapeuta é como ter uma fortuna e não saber. Claro que é preciso ter paciência e esperar para ver se o próprio instrumento vai fornecer uma ligação com o consciente do paciente, mas nem sempre isso ocorre. Além dessas razões, Von Franz diz que a interpretação é importante também, pois as pessoas tendem a interpretar dentro de um contexto específico, levando em conta suas considerações conscientes. Alguém de fora pode notar vários ângulos novos e trazer uma visão diferente. (VON FRANZ, 1990)

De acordo com a autora, a única forma de aprender a interpretar é com a prática. Mesmo assim, existem regras para orientar a condução da interpretação, Von Franz traz como um passo a passo, para se interpretar os contos, em seus livros que tratam desse tema. A primeira atitude a se tomar é analisar o tempo-espaço em que se passa o conto, geralmente marcado pelo “Era uma vez...”, entre outras formas mais poéticas. Seguido pela contagem de quantas são as personagens que iniciam o conto e quantas estão no final. Observa-se, então, o problema do conto (a razão da história estar sendo contada), o clímax e, então, a conclusão. (VON FRANZ, 1990)

Von Franz (1990) ressalta o que são os ritos de despedida dos contos e a necessidade de isso existir na narrativa. Quando se escuta uma história, é como se a pessoa fosse para outro mundo, então sem o “rite de sortie” as pessoas estão vulneráveis por continuarem se sentindo dentro de um conto de fadas, sem conseguirem se concentrar em suas tarefas do mundo real.

A autora considera que:

É preciso desligar o mundo do conto de fadas. O método consiste, pois, em observar a estrutura do material, a fim que se possa pôr um pouco de ordem; e como eu disse, devemos especialmente lembrar de contar as figuras e o simbolismo do número e o papel disso. (VON FRANZ, 1990, p.50)

Bonaventure também defende, em seu livro, que os contos e os sonhos são muito similares em relação às suas características e utilidades como instrumentos terapêuticos. As nossas vivências interiores são claramente expressas pelas imagens dos contos e dos sonhos. Essas imagens abrem a consciência para mais novas imagens, não são redutíveis como os conhecidos conceitos intelectuais. A linguagem simbólica dos contos traz mais claramente, na visão da autora, o que os livros de psicologia tentam passar. (BONAVENTURE, 1992)

As imagens dos contos de fada podem servir, muitas vezes, de exemplo para o terapeuta ilustrar as situações vividas por seus pacientes. Quando revivemos os momentos da história, através da nossa imaginação, conseguimos nos lembrar de experiências próprias que se relacionam com o tema. Como os contos têm pouquíssimos detalhes, cabe ao ouvinte imaginar os pensamentos, sentimentos e atmosferas que se passam nas histórias contadas para poder completar a narrativa. Todo esse trabalho é importante, pois quando ocorre a identificação com algum conto, torna-se possível nomear algumas angústias e essa experiência traz alívio para o paciente. (BONAVENTURE, 1992)

Após tratar a importância da pesquisa e trabalho com os contos de fadas, segue-se uma análise acerca do desenvolvimento da criança, do ponto de vista da psicologia analítica. Como HAUBERT; VIEIRA (2014, p.222-223) retomam conceitualmente:

Jung (1926/1986) concebe o desenvolvimento da Personalidade em um percurso que inicia na infância e que se estende ao longo da vida da pessoa. Até cerca de 3 anos de idade, por um estado de inconsciência de si mesma, a criança está relativamente fundida às condições do meio ambiente, de modo que ocorre uma identificação entre seu estado psíquico e a psique dos pais. Somente na adolescência o sujeito assume relativa independência em relação ao psiquismo dos progenitores.

As simbolizações feitas pelas crianças mostram muito do inconsciente e dos complexos dos pais, pois ainda estão muito identificadas com eles. Essa identificação é natural, dentro do processo de desenvolvimento da personalidade. Ela ocorre, porque a criança ainda está muito absorvida no seu inconsciente, quanto mais frágil for a consciência da criança, mais suscetível ela pode ser à psique dos pais. (JUNG, 1926/1986, apud HAUBERT; VIEIRA, 2014)

Além disso, no capítulo que escreveu para “O Homem e seus Símbolos”, Jung explica sua teoria de que o inconsciente coletivo já estava lá quando nascemos. Afirmar que a pessoa já nasce com determinados conteúdos que nunca passaram pela consciência, nasce imerso no inconsciente. A partir disso, o ego vai se formando, selecionando os conteúdos que estarão conscientes naquele momento, e os que forem rejeitados pela consciência ficarão no que ele chama de inconsciente pessoal. (JUNG, 2020)

Busca-se compreender como se dá o trabalho com contos de fada como instrumentos terapêuticos dentro da clínica infantil junguiana. Quando alguém escuta um conto e se identifica com ele, percebe que não é o único a sofrer de certo problema e que outros conseguiram superar. Como escreve BRUNI, (2016, p.11):

Utilizando os recursos da psicologia junguiana, os contos de fadas tornam-se ferramenta que proporcionam instintivamente uma direção simbólica e um conteúdo cheio de sentido durante um processo psicoterápico(...)

Em um trabalho psicoterápico, utilizando contos de fada como ferramenta, há a intenção de abrir a consciência do paciente para imagens novas. Nos contos, geralmente, os heróis chegam às resoluções dos conflitos, com soluções que acarretam transformações. Esse processo é possível, pois os contos contêm imagens arquetípicas que, para Jung, é uma das formas de ter acesso ao arquétipo. Os temas que estão sempre aparecendo nos contos são expressões de vários arquétipos.

Stein escreve que o diferencial da teoria de Jung foi a descrição do inconsciente coletivo, a camada mais profunda da psique e “(...)concebeu o seu conteúdo como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes, chamadas ‘arquétipos’ e ‘instintos’.” (STEIN, 1998, p.83) Para Jung

(1909, p.155-173) todas as pessoas têm os mesmos arquétipos, eles são dados pela natureza a todos por igual.

Freeman na introdução de “O Homem e seus Símbolos”, descreve sobre o interesse do homem pelos símbolos do inconsciente. Afirma que esses símbolos, que podem surgir a partir de contos de fada, têm uma atração profundamente significativa sobre o ser humano. Sobre os símbolos, Jung (2020, p.18) descreve:

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.

Com isso, Jung quer dizer que o símbolo sempre traz algum conteúdo inconsciente e que não é totalmente desvendado. Jung escreve:

(...)uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG,2020. P.19)

Por não ser possível compreender inteiramente os símbolos, muitas vezes, utiliza-se palavras na forma de metáforas, contendo aspectos inconscientes para representar conceitos que não conseguimos entender inteiramente ou explicar. (JUNG,2020) Por não serem nunca esgotados, os sentidos possíveis dados aos símbolos, todas as formas que estimulem a possibilidade de acesso a eles, são válidas de serem utilizadas. E como comprovado por vários autores, os contos de fada são uma ótima possibilidade.

O objetivo dessa pesquisa é identificar de que forma os contos de fada podem ser utilizados como instrumentos terapêuticos na clínica infantil junguiana. Identificar através da observação e análise de estudos e pesquisas, sobre contos de fada sendo usados como instrumentos terapêuticos na psicoterapia com crianças.

2 MÉTODO

Esse estudo utilizou-se da revisão bibliográfica como método de investigação, através do referencial teórico da Psicologia Analítica. Foi escolhido para este trabalho um material do âmbito coletivo, os contos de fada, que ao serem utilizados ludicamente, abrem caminhos para a integração de símbolos à consciência.

A metodologia científica que baseia a presente pesquisa é a qualitativa, a partir da investigação e compreensão do material proposto pelo estudo. Acerca da bibliografia consultada, encontrou-se a base teórica junguiana tanto nas obras completas de Jung quanto em pós junguianos, como Von Franz, Mario Jacoby, Murray Stein e Jolande Jacobi.

3 O QUE SÃO OS CONTOS DE FADA?

A autora Estés afirma que as histórias são muito mais antigas que a psicologia. Elas podem mostrar a saída, sendo construtivas e tem a intenção de devolver o movimento à vida interior. A introdução ao conto é essencial, a frase “Era uma vez” alerta o ouvinte sobre onde se passa essa história, no mundo entre os mundos como a autora descreve, onde as coisas não são realmente o que parecem. O conto geralmente termina de uma forma abrupta para tirar as pessoas do mundo do conto de fadas a trazê-las de volta para a realidade. O final repentino assusta os ouvintes para ajudá-los a retornar à realidade concreta. (ESTÉS, 1992)

Pinkola (1992, p.29), diz que os contos de fada não exigem que se faça nada, basta que se preste atenção a eles. Que, nestas histórias, está a cura para “qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico”. Os contos trazem à tona compreensões, perguntas, anseios, tristezas, interesses que fazem o arquétipo aflorar. As histórias têm instruções que conseguem orientar sobre as complexidades da vida, podem ser um medicamento que recupera e fortifica o indivíduo e a comunidade. (ESTÉS, 1992)

Os irmãos Grimm fazem parte do grupo de pessoas que perceberam, nos contos de fada, um mundo de fantasia, onde as crianças podiam imaginar brincando, o que ajuda a atrair o interesse das crianças até os dias atuais. (GONÇALVEZ, 2009)

Para o psicanalista Bruno Bettelheim, não existe nada tão enriquecedor e satisfatório para uma criança como um conto de fadas folclóricos. Mesmo eles ensinando pouco sobre especificidades da vida moderna, pois foram inventados a muito tempo, pode-se aprender muito sobre os problemas interiores do ser humano e possíveis soluções. Entende que como a criança está em contato a todo o momento com a sociedade em que vive, ela poderá enfrentar as condições próprias da realidade atual, desde que seus recursos internos estejam desenvolvidos. (BETTELHEIM, 1980)

Com o passar do tempo, os contos foram recontados diversas vezes e se tornaram mais refinados. Eles conseguem falar com todos os níveis da personalidade humana, ao mesmo tempo, de uma forma que atinge tanto a mente

da criança, quanto a de um adulto. Os contos de fada não só agradam, como também instruem e “sua genialidade especial” é que fazem isso de uma forma que fala diretamente com as crianças. (BETTELHEIM, 1980, p.56)

De acordo com a literatura, há registros muito antigos sobre os contos de fada, encantando várias gerações em diversas culturas. A origem dos contos de fada não é um fato unanime entre os estudiosos, mas os registros apontam para a origem céltica no século II a.C. Já os contos como são conhecidos atualmente surgiram, principalmente, na França e na Alemanha, no final do século XVII e XVIII. (SCHNEIDER; TOROSSIAN)

Os contos de fadas são registrados pela literatura como histórias transmitidas oralmente de geração a geração e que, até os dias atuais, têm destaque narrativo na infância. Fala também que o poder dessas histórias está na fantasia que desperta nas crianças. O enredo do conto é construído com matrizes do imaginário humano, com linguagem repleta de significados simbólicos e com a capacidade de interligar consciente e inconsciente. (SCHNEIDER; TOROSSIAN)

Diferente do que se imagina, os contos foram construídos, inicialmente, para o universo adulto. Depois, com a “descoberta” da infância, os contos sofreram adaptações para contemplarem as necessidades da criança e de sua vida imaginária. Os contos são artifícios maravilhosos para a fantasia infantil. (SCHNEIDER; TOROSSIAN)

Os contos se distinguem das outras histórias por terem “(...) um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis”. (Caldin, 2002; Oliveira, 2001; Radino, 2003; Turkel, 2002 apud Schneider; Torossian, 2009, p.135). Eles são permeados por magia, que instiga a mente humana e seus personagens conseguem personificar o bem e o mal. Muitos contos trazem uma mensagem moral, que teria como finalidade servir de orientação e ensinamento para os ouvintes. O foco da moral dessas histórias vai mudando de acordo com o contexto histórico em que elas são criadas. Segundo as autoras, Andersen inseriu, em seus contos, o sofrimento observado nas crianças em situação de vulnerabilidade, retratando os desejos da população, às vezes com conteúdo de seu cotidiano. (Corso & Corso, 2005, 2006; Lima, 2000; Radino, 2003; Souza, 2005 apud

Schneider; Torossian) A partir disso, inaugurou-se a literatura infantil. A obra de Andersen apresenta três características que a tornam inédita: criança retratada por personagens, brinquedos que ganham vida e o papel principal é ocupado por uma criança, que expressa os sofrimentos e medos infantis. Independente da época em que foram criados, os contos são apreciados e incentivam a fantasia e a imaginação das crianças até os dias atuais.

4 O CONCEITO DE SÍMBOLOS NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Em um de seus livros, Jacobi (2016) afirma que o arquétipo não possui definição exata, sempre tem um aspecto desconhecido e indescritível sobre ele. Nunca é encontrado diretamente, apenas de forma indireta, só conseguimos reconhecê-lo por seus efeitos. Não é possível dizer a origem dos arquétipos, pois eles “residem” no inconsciente coletivo ao qual não temos acesso direto, a não ser pela manifestação das imagens arquetípicas.

Jung (2000, p.87) diz:

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma possibilidade dada *a priori* da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma.

Para a psicologia analítica, a linguagem simbólica traz a síntese de conteúdos inconscientes e conscientes. Os símbolos formam-se através da tensão entre esses opostos. O arquétipo pode ser percebido na consciência, através das imagens arquetípicas que se manifestam de forma simbólica. (JACOBI,2016)

Na introdução do livro “O Homem e Seus Símbolos”, último livro escrito por Jung (2020, p. 9), John Freeman coloca que a maior contribuição de Jung para a psicologia foi o conceito de inconsciente “como um mundo que é parte tão vital e real da vida de um indivíduo quanto o é o mundo consciente e ‘meditador’ do ego”.

A consciência tem a propriedade doadora de formas, fazendo com que o arquétipo seja representável. O símbolo acrescenta ao arquétipo a possibilidade de manifestação, tornando-se uma imagem verdadeira, a imagem arquetípica. O poder da psique de criar imagens transforma um arquétipo em um evento retratável, por isso um símbolo sempre é encarnado e não completamente abstrato. Jacobi continua sua argumentação (2016, p. 93):

Por essa razão, até mesmo os mais abstratos contextos, situações ou ideias de natureza arquetípica são visualizados pela psique em formas, figuras, imagens[...] pelo menos traduzidos em eventos *passíveis de ser postos em imagens* e assim representados.

A psique cria símbolos em que a base é o arquétipo e a imagem que o representa provém de pensamentos que o consciente foi adquirindo. Eles se manifestam através da linguagem, dos contos de fada, dos sonhos, das religiões, da arte; não precisam, necessariamente, ser representados por uma imagem, pode ser por uma sensação, um evento simbólico. Os símbolos trazem para a consciência conteúdos do inconsciente coletivo e pessoal. Jacobi (2016, p.91) conta que “quanto mais universal a camada da psique da qual provém tal símbolo, mais intensamente o próprio mundo se expressa nela”.

Utilizar os símbolos “trata-se de aprender e comunicar linguisticamente fatos que, por sua própria natureza, tendem a se esquivar a essa tarefa”. O símbolo consegue traduzir o arquétipo em uma sequência representável, sendo uma das possibilidades o conteúdo dos contos de fadas. Os contos abordam situações arquetípicas que foram transformadas em símbolos. Os seres humanos sentem profunda atração por essas histórias, pois se identificam com elas. (JACOBI, 2016, p.94)

Jung (1984) apresenta a função psicológica transcendente que é “a união dos conteúdos conscientes e inconscientes” e diz que “símbolo” é o que melhor traduz um fato complexo que ainda não foi apreendido inteiramente pela consciência. (JUNG, 1984, p.1 e p.20)

Jacobi (2016, p.96) traz várias interpretações do conceito de “símbolo” por diferentes autores. Mostra que, em todas as áreas dos estudos do espírito, a palavra símbolo é empregada, muitas vezes, de modo destoante do conceito analítico, tornando-se um “chavão”. Mas todos concordam “que o símbolo designa algo com um sentido objetivo, visível, por trás do qual ainda se oculta um sentido invisível e mais profundo”. Os estudos de Jung mostram a importância do símbolo para a psique humana e, conseqüentemente, na cultura humana como um todo. Bachofen explica a necessidade do símbolo:

O símbolo desperta insinuações, a linguagem só pode explicar[...]. O símbolo estende suas raízes até as profundezas secretas da psique, a linguagem roça como uma brisa suave a superfície do entendimento [...]. Apenas o símbolo consegue ligar o que há de mais diferente a uma impressão total unificada [...]. Palavras tornam o infinito finito, símbolos transportam o espírito para além dos limites do finito, do devir, para o reino

do mundo do ser infinito. Eles despertam pressentimentos, são sinais do inexprimível, são inesgotáveis como este[...]. (BACHOFEN, 1927, apud JACOBI, 2016, p. 95)

O símbolo pode tornar o divino visível, ele atrai o observador com uma força irresistível, “captura nossa alma. Nele se agita uma fonte exuberante de ideias vivas;”. Goethe se refere à característica do símbolo de ser inesgotável de uma maneira poética:

O simbolismo transforma o fenômeno em ideia, a ideia em uma imagem, e de modo que a ideia permanece infinitamente eficaz e inatingível na imagem e, mesmo que expressa em todas as línguas, permaneceria inexprimível. (GOETHE, 1976 apud JACOBI, 2016, p.96)

Se a expressão for utilizada para nomear algo conhecido, então não é um símbolo, mas sim um signo. Uma expressão simbólica é “a melhor formulação possível de algo relativamente desconhecido”, não podendo ser representada de maneira mais clara. (Jacobi, 2016, p.97) O símbolo tem que ter sentidos inesgotáveis, pois tem base arquetípica e o arquétipo nunca pode ser completamente definido. Ser capaz de simbolizar faz parte do ser humano. Por essa razão, Cassirer, no livro “An Essay on Man”, na página 32, opina, em 1944, que o homem deveria ser definido por ‘animal simbólico’ ao invés de ‘animal racional’.

O primeiro critério para ser denominado símbolo depende da atitude da consciência do observador, se tem ou não a possibilidade de enxergar determinado fenômeno “como imagem sensível de algo desconhecido”. Jacobi (2016, p.100) defende que “é perfeitamente possível que o mesmo fato ou objeto represente para uma pessoa um símbolo, e para outra apenas um signo”. Ser um símbolo ou não depende do tipo de observador, alguns se apegam ao concreto, outros procuram significados ocultos em tudo, adotando sempre uma atitude simbólica. Quanto mais o espírito de alguém for tradicional, mais essa pessoa fará a compreensão literal das coisas, distanciando-se, assim, do símbolo. Sendo menos capaz de perceber seu significado simbólico, assim “ela permanecerá presa ao signo e aumentará ainda mais a confusão a respeito da definição do símbolo”. (JACOBI, 2016, p. 104)

Entretanto, Jung (1991) afirma que existem produtos que não dependem da consciência observadora, que se revelam espontaneamente sobre o espectador, são configurados de modo que seriam privados de sentido se não tivessem um significado simbólico correspondente. Os símbolos exprimem seu próprio sentido,

não representam algo que seja diferente deles, apenas o seu sentido, cada um exprime algo irreal, é “a imagem de um conteúdo em sua maior parte transcendental ao consciente.” (Jacobi, 2016, p.102) Jacobi considera que para Piaget o símbolo representava o mesmo que para Jung, ou seja, apresentava aspectos inconsciente e conscientes.

O símbolo só está vivo enquanto ele expressa algo da melhor forma, enquanto não existe explicação melhor. Símbolos podem morrer, degenerar e se tornarem signos, são chamados de símbolos extintos, da mesma forma que dependendo da circunstância ou da atitude do observador, signos podem ser entendidos por alguns como símbolos. Jung diz:

E só é vivo enquanto cheio de significado. Mas, uma vez brotado o sentido dele, isto é, encontrada aquela expressão que formula a coisa procurada, esperada ou pressentida melhor do que o símbolo até então empregado, o símbolo está morto[...] e se torna um signo convencional[...]. É totalmente impossível, pois, criar um símbolo vivo, isto é, cheio de significado, a partir de relações conhecidas. Pois o que assim foi criado não conterà nada mais do que nele foi colocado. (JUNG, 1991, p.643)

Símbolos tem um caráter “nunca totalmente solucionável e ricamente sugestível”, diz Jolande Jacobi (2016, p.105). A capacidade ou não de acessar o símbolo está enraizada na estrutura espiritual das pessoas, isso seria uma das razões pelas quais o método de Jung pode ser difícil para muitas pessoas. Geralmente, os mais intelectuais, os extremamente civilizados, não são mais capazes de compreender além da fachada exterior de um símbolo, pois estão “separados da linguagem figurativa de sua psique”. A autora escreve:

[...] seu significado etimológico *symbollo*, jogar junto, já postula um conteúdo múltiplo e díspar. Como unificador de opostos, o símbolo é uma totalidade que nunca pode falar apenas a uma capacidade humana, por exemplo, sua razão, seu intelecto, mas sempre concerne a nossa totalidade, toca todas as nossas quatro funções ao mesmo tempo e as faz ressoar. Enquanto imagem, o símbolo tem um caráter evocatório e excita toda a natureza do homem para uma reação global; seus pensamentos e sentimentos, seus sentidos e sua intuição participa dela e, como muitos pensam erroneamente, não é apenas uma de suas funções que é atualizada nisto. (JACOBI, 2016, p.106/107)

Os conteúdos do inconsciente coletivo devem ser considerados símbolos verdadeiros quando passam do plano psicóide para o psíquico, pois vem da história

do universo, não apenas da história individual. Dessa forma, eles precisam superar a capacidade da consciência de apreensão. Símbolos verdadeiros, para Jung (1983), são a tentativa de traduzir algo, sendo que ainda não existe noção verbal para traduzir.

5 DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Jung não abordou, a fundo, em suas obras, a questão do desenvolvimento infantil. Jacoby (2010) chegou à conclusão de que as crianças fazem parte da psique parental.

Neumann (1973) refere que, para Jung, a criança encontra-se “junto com a mãe no domínio e campo do arquétipo materno”. Mas as descobertas das pesquisas com crianças mostraram que a criança se experiencia como um ser separado desde o começo da vida, o que é pessoal, mesmo que ainda de uma forma rudimentar. (JACOBY, 2010, p.100) A díade mãe-criança é vivida de forma única, torna-se, portanto, um relacionamento único, entre uma determinada criança com suas características e sua respectiva cuidadora, também com suas especificidades particulares.

Fordham foi um dos primeiros analistas da escola junguiana que se dedicou à análise terapêutica de crianças. De acordo com suas experiências, desde o início, a criança é também psicologicamente individual, e não apenas um apêndice dos pais. (FORDHAM, 1969 apud JACOBY, 2010)

Os teóricos Hartmann (1964) e Jacobson (1964) entendem que a criança, após o nascimento, existe em uma matriz indiferenciada, a partir disso juntamente com o desenvolvimento de funções egóicas, representações do self, ocorre gradualmente a diferenciação. Nessas primeiras semanas, de acordo com Mahler, a criança está em “estado de desorientação alucinatória primitiva”, necessitando satisfação incondicional, sendo incapaz de distinguir entre ela própria e seu cuidador. (MAHLER, 1975, p.42 apud JACOBY, 2010)

Aproximadamente, no segundo mês, a criança tem vaga “consciência do objeto que satisfaz suas necessidades”. A fase dos processos de individuação começa por volta dos 4 a 5 meses de vida. Aos 18 meses, a criança passa por um período de vulnerabilidade, de acordo com Mahler, por conta da percepção clara de sua separabilidade da mãe. A ausência da mãe desencadeia comportamentos de inquietação, entendido como uma defesa precoce à tristeza. O teórico pressupõe três características decorrentes da individuação que possibilitam a criança existir a uma distância da mãe. O desenvolvimento da linguagem, o processo de

internalização dos pais e a habilidade de expressar desejos e imaginação através de brincadeiras. (MAHLER, 1975 apud JABOBY, 2010)

De acordo com Bettelheim (1980), o ego das crianças ainda é frágil e está em processo de construção. Ele explica que, antes da idade escolar, a criança tem que batalhar contra as forças do inconsciente, impedir que as pressões dos desejos sobrepujem a personalidade total, onde geralmente a criança perde. Sempre que o inconsciente vem à tona, ele engolfa a personalidade total, mas, ao longo do tempo, a criança vai conseguindo se distanciar do seu conteúdo inconsciente. (BETTELHEIM, 1980)

Nas brincadeiras, os objetos como bonecas ou animais de brinquedo são usados para incorporar aspectos da personalidade da criança, aspectos, muitas vezes, considerados por ela como inaceitáveis ou contraditórios. Isso permite que o ego tenha algum domínio sobre esses elementos da psique, o que a criança não consegue fazer quando forçada pelas circunstâncias a reconhecê-los como projeções de seus processos internos. Assim, algumas das pressões inconscientes das crianças podem ser elaboradas através das brincadeiras. (BETTELHEIM, 1980)

Porém, muitas vezes, as crianças não querem inserir nas brincadeiras emoções que são consideradas muito complexas, contraditórias ou socialmente desaprovadas. Nesses momentos, conhecer contos de fada pode ser de grande ajuda para a criança, muitos contos de fadas são representados pelas crianças, mas só depois que se familiarizaram com a história, pois a criança não conseguiria ter inventado sozinha. O psicanalista afirma:

A fantasia preenche as enormes lacunas na compreensão de uma criança que são devidas à imaturidade de seu pensamento e à sua falta de informação pertinente. Outras distorções são consequência de pressões internas que levam a falsas interpretações das percepções infantis. (BETTELHEIM, 1980; p.61)

De acordo com Gonçalves (2009), os contos de fadas apresentam uma mistura do real com a fantasia, que permite à criança buscar seu “eu”, enquanto estabelece uma relação com seu meio social. Isso acontece, pois, nessas histórias, as personagens vivem situações semelhantes à do dia a dia das crianças e as resoluções são dadas de forma mágica. Bettelheim diz, “uma criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a

sua” (1980, p. 59), essa é uma das razões desse tipo de narrativa agradar muito as crianças.

6 CONTOS DE FADA NA CLÍNICA INFANTIL JUNGUIANA

Giordano diz que “Os arquétipos podem ser traduzidos pelos símbolos, que por sua vez podem ser revelados por uma imagem”. (Giordano, 2007, p.132) O arquétipo encontra seu tradutor para a consciência no símbolo e através do arquétipo é possível localizar as questões determinantes de comportamentos influenciados pelo complexo. Os contos são repletos de símbolos. A única linguagem que o inconsciente entende é a simbólica. Assim os contos são veículos facilitadores de transformação e ampliação da consciência. Ao ser narrado e escutado, o conto pode mobilizar conteúdos arquetípicos e constelar um complexo. (GIORDANO, 2007)

Ocorre a transformação, quando os significados representados pelo símbolo à consciência podem ser assimilados e integrados pelo ego, ampliando o campo da consciência. Os contos podem ser uma possibilidade de ampliação da consciência, de transformação e de cura. Podem ser aliados para reelaborar dramas, pois quando o conto desperta os complexos, forças psíquicas são liberadas pelo símbolo, o Si-mesmo é ativado para despotencializar os complexos. De acordo com autora, existe uma “disposição no conto que atua coordenadamente com o material inconsciente em ação conjunta de inconsciente e consciente”. (GIORDANO, 2007, p. 132)

Apenas quando um complexo é acionado e localizado é que há a possibilidade de se fazer uma reflexão consciente sobre o modo como influencia a psique, promovendo crescimento a serviço da individuação. Giordano descreve a individuação como processo de tornar-se indivíduo. A vida começa em estado de total indiferenciação. Com o tempo, a criança vai se desenvolvendo para se tornar uma personalidade diferenciada, mas essa é uma meta raramente alcançada. (GIORDANO, 2007)

Os contos oferecem meios típicos de conceber, vivenciar, reagir e saber como se comportar frente às adversidades da vida. Promovem a busca pelo autoconhecimento; as emoções suscitadas pelos contos são, muitas vezes, inexplicáveis. Os benefícios para quem ouve ou lê os contos estão no contato com eles, na medida em que estão repletos de conteúdo simbólico que pode ser assimilado e integrado por aquele que o ouve ou lê, possibilitando a ampliação de

consciência. O conto é capaz de tocar o inconsciente pela força do símbolo, ele tem a força de acionar uma energia psíquica e libertar uma possibilidade de ampliação da consciência, libertando uma energia presa no inconsciente. O ouvinte ou leitor do conto se cura pelo silêncio, pela escuta da narrativa. O silêncio é parte integrante da atitude de quem recebe a narração. Ouvir um conto é uma forma de ordenar a mente e a alma. (GIORDANO, 2007)

Giordano afirma que ouvir histórias alimenta e desenvolve a imaginação da criança, desperta a curiosidade e apresenta possibilidades para a solução de problemas. A autora conta que:

Uma criança tratada como pessoa, como alguém insubstituível que é, a quem se oferece muitas histórias, desenvolve-se, sem dúvida, muito mais do que uma criança tratada e concebida apenas como mais uma [...] (GIORDANO, 2007, p. 134)

A criança que escuta muitas histórias absorve os valores transmitidos pelo conto e, ao longo da vida, vai acumulando experiências de vida de quem lhe conta as histórias e as experiências que os contos apresentam. A narrativa dos contos pode levar a transformações, pois ordena o Self. Autores sensíveis ao conto perceberam que nele existe uma força de aplicação prática como método para compreensão e alteração do comportamento humano. (GIORDANO, 2007) De acordo com Bettelheim, é importante desenvolver recursos internos, com as emoções, imaginação e intelecto integrados. A criança deve ser criada de modo que a vida seja significativa para ela e quem tem o papel mais importante para realizar isso são os pais, seguidos pela influência da herança cultural transmitida pela criança e a literatura canaliza, da melhor forma, essas informações. (BETTELHEIM, 1980)

Para o psicanalista, uma história deve prender a atenção da criança, despertando sua curiosidade, mas também tem que enriquecer a sua vida, estimulando a imaginação, ajudando a desenvolver o intelecto, clarear as emoções, reconhecer as dificuldades e sugerir soluções para os problemas. O conto deve se relacionar com os aspectos da personalidade, sem menosprezar a criança, promovendo a confiança nela mesma. (BETTELHEIM, 1980)

A vida é, geralmente, desconfortante para as crianças, elas precisam de ajuda para dar sentido ao seu “turbilhão de sentimentos”. Precisam, muitas vezes, de

ideias sobre como colocar o seu mundo interno em ordem, para conseguir ordenar a sua vida. Bettelheim afirma que “a criança encontra este tipo de significado nos contos de fadas.” (BETELHEIM,1980, p.5)

Os contos abordam os problemas universais humanos, em especial, os que preocupam as crianças. Essas histórias se dirigem ao ego, incentivando o seu desenvolvimento, enquanto aliviam pressões “pré-conscientes e inconscientes”. Elas abordam essas pressões graves de forma que a criança compreenda, inconscientemente, oferecendo soluções para as dificuldades que virão. Bettelheim escreve:

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETELHEIM,1980, p.6)

A criança precisa de sugestões dadas de forma simbólica sobre como ela pode lidar com questões da vida. Os contos de fada confrontam a criança com as características humanas básicas. É clássico dessa forma de narrativa abordar um dilema existencial, explicado de forma breve, que permite a criança entender a questão em sua forma mais essencial. Os contos simplificam as situações, seus personagens são típicos e os detalhes são eliminados. (BETELHEIM,1980)

Em quase todas as histórias desse tipo, o bem e o mal são personificados em figuras e em suas ações, já que em todo homem há a propensão para ambos. A convicção de que o crime não compensa é uma eficaz forma de intimidação, por isso, nessas histórias a pessoa má sempre perde e o herói é mais atraente para a criança, que pode se identificar com o personagem em suas lutas. Bettelheim diz:

Devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela. (BETELHEIM,1980, p.8)

A estrutura dos contos sugere imagens, com as quais a criança pode estruturar suas fantasias e melhor direcionar sua vida. Muitos cuidadores acham que devem apresentar para as crianças apenas imagens otimistas e o lado agradável do homem, pois querem que os filhos acreditem que são todos bons. Mas a realidade

não é apenas agradável e as próprias crianças sabem que elas não são sempre boas, contradizendo o que os pais dizem, fazendo com que a criança se sinta “um monstro a seus próprios olhos”. (BETELHEIM,1980, p.9)

Os personagens dos contos de fada não são ambivalentes, a estrutura deles é má ou boa. A polarização domina a mente da criança, portanto, domina os contos também, neles a pessoa é má ou boa, diferente da realidade. É preciso que a personalidade esteja firme o suficiente para que a psique consiga lidar com as ambiguidades, que a criança tenha uma base forte para compreender que uma pessoa tem que fazer escolhas sobre quem quer ser. Essa decisão pode ser facilitada pela polarização dos contos. As crianças baseiam suas escolhas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta a sua antipatia, quanto mais simples for o personagem “bom”, mais fácil é para a criança se identificar com ele e rejeitar o “mau”. A criança se identifica com o herói, pois a condição dele traz apelo positivo, ela se identifica com quem gostaria de parecer, projetando-se em um personagem. A criança se identificará com qual for a índole desse personagem.

A maior parte da literatura infantil moderna não trata dos impulsos mais primitivos e violentos, enquanto os contos de fada abordam esses dilemas com seriedade e se dirigindo diretamente às crianças. Com histórias muito realistas, a criança não consegue extrair significados pessoais além do conteúdo obvio, vai contra as experiências internas da criança. Os contos são mais significativos na idade em que o principal problema das crianças seria conseguir colocar ordem em seu caos interno, precisando relacionar suas percepções próprias com o mundo externo. (BETELHEIM,1980)

Contos de fada e sonhos tem algumas características semelhantes, mas a vantagem dos contos é que eles têm uma estrutura consistente, um começo e uma trama que anda em direção a uma solução. Independente de qual for o conteúdo do conto, pode-se falar, abertamente, sobre ele, pois a criança não precisa esconder seus sentimentos em relação ao conto, ou se sentir culpada por eles. Depois que os desejos das crianças são realizados, mesmo que apenas na fantasia, elas ficam mais tranquilas. Os contos permitem à criança superar sentimentos de desesperança, acreditando na história e apreendendo a visão de mundo otimista que ele traz. Para isso é preciso que a criança escute várias vezes a mesma história e seja dado tempo para que ela o analise. Só assim ela consegue aproveitar o que o

conto tem a oferecer em relação a si-mesma e a sua experiência de mundo. Betelheim (1980), acrescenta:

[...]um conto de fadas perde muito de seu significado pessoal quando suas figuras e situações recebem substância não através da imaginação da criança, mas da de um ilustrador. Os detalhes especiais derivados de sua própria vida particular, com os quais a mente de um ouvinte retrata a estória que lhe contam ou que ouve, tornam a estória muito mais uma experiência pessoal. (BETELHEIM, 1980, p.61)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jacoby (2010) afirma que Jung interpretava os contos de fada como expressão da psique inconsciente. Penso que um instrumento tão rico em acesso ao inconsciente deveria ter mais conteúdo escrito sobre seu uso na clínica junguiana. A quantidade de símbolos que eles trazem é incontável, o que é essencial para a psicologia analítica.

Os contos, de acordo com os autores estudados, trazem na sua narrativa, muitas vezes, possíveis soluções para dificuldades enfrentadas na infância, o que pode ajudar a criança a se orientar. A criança não sente culpa em mostrar suas emoções em relação ao conto, as identificações feitas com os personagens não são conscientes para elas, podendo, assim, expressar seus desejos através da fantasia e aliviando, dessa maneira, suas pressões inconscientes.

Tive dificuldade de achar artigos sobre o conto como instrumento terapêutico, e encontrei ainda menos material vindo da clínica em psicologia analítica. Acho que esse campo é pouco aproveitado na clínica com as crianças, levando em conta todas as possibilidades que eles trazem. Considerando que a criança é trabalhada através do lúdico, trabalhar esse conteúdo coletivo através dos contos pode ser muito útil.

Identifiquei que os contos de fada são muito utilizados na educação e na clínica. Achei mais artigos na área da educação sobre os contos, do que na psicologia. Tive dificuldade de achar coisas escritas na clínica infantil junguiana, o que não significa que não sejam usados, mas há poucas coisas escritas. Seria importante ter mais material, pois é um ótimo instrumento visto que, no desenvolvimento da criança, para o Jung, ela está muito mais aberta aos acontecimentos inconscientes e seu ego ainda está em formação.

A criança, muitas vezes, tem dificuldade de expressar aquilo que ela está sentindo e os contos podem ser um lugar onde elas podem ter identificações com os personagens, as histórias podem ser um símbolo, podem ajudar a criança a expressar suas emoções.

Assim, em minhas reflexões, considero que esse trabalho ajudou a expressar a importância dos contos de fada como instrumento na clínica junguiana infantil.

Além de mostrar a necessidade de mais estudos escritos sobre o assunto pela psicologia analítica. Essa é uma contribuição para esses estudos que devem ser encorajados a serem feitos para ajudar os analistas em formação que pretendem trabalhar na clínica junguiana infantil.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAVENTURA, J. **O que conta o conto?** São Paulo: Paulus, 1992.
- BRUNI, R. C. S. A importância dos contos de fadas como ferramenta psicoterápica no resgate do feminino em mulheres contemporâneas. PDF. *Revista online: Psicologia.pt o Portal dos Psicólogos*, n. 1646-6977, junho. 2016.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Paz e Terra, 2002.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquetípicos.** São Paulo: Paulinas, 2012.
- ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.
- FREEMAN, J.; VON FRANZ, M.L.; HENDERSON J.L.; JACOB, J.; JAFFÉ. A O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
- GIL, Viviane Dexheimer, AGUIAR, Vera Teixeira De. *A ponte invisível: o arquétipo de transcendência em narrativas infantis sobre contos de fadas.* Porto Alegre, 2007. 252p. Tese (Doutor em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GIORDANO, A. **Contar histórias: um recurso arte terapêutico de transformação e cura.** São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- GONÇALVES, Laiza Karine. *A leitura do conto de fadas e o desenvolvimento do imaginário infantil.* Porto Alegre, 2009. 154p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- HAUBERT, Clarice; VIEIRA, Andre Guirland. Símbolos, complexos e a construção da identidade na psicoterapia com crianças. *Revista Aletheia*, Issue. Universidade Luterana do Brasil, v.45, setembro. 2014.
- JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na psicologia de C.G. JUNG.** Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- JACOBY, M. **Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: Padrões básicos de intercambio emocional.** São Paulo: Paulus, 2010.
- JUNG, C.G. **A dinâmica do inconsciente: A natureza da psique.** Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- Marie-Louise von Franz, Biografie. Disponível em: <https://www.marie-louisevonfranz.com/biographie>. Acesso em 21 de junho de 2020.
- SCHNEIDER, R; TOROSSIAN, S. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009

SOUZA, Joicilaine Faustino; SILVA, Eufrânia Leique da, LOPES, Renata Aparecida; FREITAS, Wilks Lopes de; OLIVEIRA, Andrea Olímpio de. Os contos de fadas e a sua importância simbólica numa perspectiva da psicologia analítica. *Revista Científica Univiçosa*. Viçosa, v.10, n.1, p781-785, dezembro. 2018.

SOUZA, Kátia Ovídia José. Análise cinematográfica do filme "O Fantasma da Ópera" segundo psicologia junguiana. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 177-188, abril de 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000100012&lng=en&nrm=iso. acesso em 07 de junho de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000100012>.

STEIN, M. **Jung o mapa da alma- Uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 1998.

VON FRANZ, M-L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.

VON FRANZ, M-L. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1990.

VON FRANZ, M-L. **O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fada**. São Paulo: Cultrix, 1993.